

CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO GRAMSCIANO PARA A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

CONTRIBUTIONS OF GRAMSCIAN THOUGHT TO CHILDREN'S EDUCATION

Simone de Fátima Flach¹
Maria Helena da Silva²

Resumo

Fundamentado na filosofia da práxis, o presente texto tem por objetivo apresentar discussões a respeito da educação de crianças e da responsabilidade familiar no processo educativo, tendo como pressuposto a formação de pessoas capazes de transformar a realidade em que vivem. Para isso, a partir de pesquisa bibliográfica em escritos gramscianos em cotejamento com autores contemporâneos, o texto indica aspectos que contribuem para a formação integral da criança, tais como: disciplina, relação com a natureza e hábitos de estudo. Tais aspectos são cotejados com a responsabilidade familiar em relação ao desenvolvimento infantil, tendo em vista o compromisso com uma educação que possibilite a liberdade das futuras gerações e a construção de uma sociedade justa e igual.

Palavras-chave: Antonio Gramsci. Educação das crianças. Disciplina. Hábitos de estudo.

Abstract

Grounded in the philosophy of praxis, this text aims to present discussions about children's education and the family's responsibility in the educational process, based on the premise of forming individuals capable of transforming the reality in which they live. Through bibliographic research on Gramscian writings in comparison with contemporary authors, the text highlights aspects that contribute to the holistic development of the child, such as discipline, relationship with nature, and study habits. These aspects are compared with the family's responsibility in relation to child development, considering the commitment to an education that enables the freedom of future generations and the construction of a fair and equal society.

Keywords: Antonio Gramsci. Children's Education. Discipline. Study Habits.

1 Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9445-0111>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0412260083540737>. E-mail: eflach@uol.com.br

2 Bolsista CNPq/Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Titulação: Especialização em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Estadual de Maringá. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6515-9980>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2803083576604981>. E-mail: mariahelena14@hotmail.com

Introdução

Tenho a impressão de que as gerações mais velhas renunciaram a educar as gerações mais jovens e estas cometem o mesmo erro; o fracasso gritante das velhas gerações se reproduz tal e qual na geração que agora parece dominar. Pense um pouco no que escrevi e reflita se não é necessário educar os educadores! (Gramsci, 2005a, p. 440)

Pensar sobre a função e a responsabilidade das gerações mais velhas para com a educação dos mais jovens foi uma preocupação central no pensamento de Antonio Gramsci. Por isso, a educação desenvolvida no contexto familiar se mostrava (e se mostra) imprescindível para a formação de pessoas capazes de interferir na sociedade e, conseqüentemente, contribuir para um avanço coletivo.

Tendo como pressuposto essa questão, o texto que se inicia tem como pretensão apresentar algumas contribuições do pensador italiano Antonio Gramsci referente a educação de crianças e da responsabilidade da família no processo educativo. Para tanto, tendo como fundamento teórico epistemológico a filosofia da práxis, as reflexões se ancoram em escritos gramscianos, os quais são cotejados com autores contemporâneos demonstrando que a disciplina, o hábito de estudo e a relação com a natureza são imprescindíveis para o desenvolvimento infantil e para a formação de pessoas capazes de agirem com liberdade em prol de uma sociedade livre e igual, ou seja, que sejam capazes de construir uma sociedade livre das amarras e interesses capitalistas que submetem os trabalhadores a uma lógica de subserviência e exploração.

Na perspectiva gramsciana, a família é a iniciadora da educação moral e cultural da criança, pois é no espaço familiar que a criança se apropria de princípios necessários para a socialização com seus pares. Partindo dessa assertiva, Gramsci criticou o modelo de educação oferecida às crianças pelo governo italiano, o qual formava pessoas desprovidas da capacidade da crítica. Essas discussões foram uma constante na produção intelectual do pensador italiano, pois entendia que a educação proposta na época que não promovia o desenvolvimento integral da criança e não contribuía para a transformação da sociedade (Nosella; Azevedo, 2009).

No processo de crítica, Gramsci se mostrou favorável a uma proposta de educação integral, de forma a equilibrar o desenvolvimento físico e intelectual de crianças e jovens. Para isso, seria preciso desenvolver, desde a mais tenra idade, princípios educativos necessários como a disciplina,

hábitos de estudos e os cuidados com a natureza. Seus escritos indicam que, tais princípios poderiam contribuir para a responsabilidade, autonomia e liberdade de pensamento.

Para a exposição das discussões propostas, o presente texto está assim organizado: primeiramente discute sobre a responsabilidade familiar na educação das crianças; em seguida, aponta alguns aspectos do pensamento gramsciano que contribuem para a formação das crianças e que não podem ser negligenciados, além da necessária formação para outro modo de vida. Por fim, indicamos, de acordo com Pasqualini (2009), que é preciso considerar a criança em sua totalidade, ou seja, no conjunto das relações sociais. Com isso, alinhadas ao pensamento gramsciano, defendemos uma formação integral para as crianças, a qual precisa estar pautada em uma educação desinteressada, ou seja, defendemos uma educação sem divisão de classes, de cultura geral e humanística, que se situe “diametralmente oposta aos pressupostos da educação interessada” e, portanto, objetive a “formação omnilateral do ser humano” (Flach; Schlesener, 2018, p. 8).

Responsabilidade Familiar na Educação das Crianças

Minhas responsabilidades de pai sério ainda me atormentam, como pode ver (Gramsci, 2005a, p. 75).

Não é novidade para os interessados no pensamento gramsciano o quão difícil foi sua vida, tanto na infância, quanto na juventude e, posteriormente, no cárcere fascista que pretendia calá-lo em relação aos acontecimentos sociais e políticos da época. Segundo Flach:

ao escrever os textos que compõem os Cadernos do Cárcere, Antonio Gramsci ofereceu importante contribuição para o campo das ciências sociais, pois desvelou com profundidade inigualável a ação dos intelectuais nas relações sociais e produtivas para a constituição do Estado Moderno, ofereceu importante reflexão sobre a ideologia, além de fazer sérias críticas literárias. Seu pensamento continua atual e auxilia na compreensão sobre as políticas educacionais em curso no século XXI, visto que tece considerações sobre a importância da educação (escolar e não escolar) para a formação intelectual e política da classe trabalhadora (Flach, 2020, p. 2).

Em que pese a importância dos escritos elaborados no período do cárcere, é importante ressaltar que, desprovido do convívio familiar, sem

qualquer possibilidade de acompanhar o desenvolvimento dos filhos e sobrinhos, Gramsci também teceu profunda reflexão sobre a importância da família na formação das novas gerações.

O pequeno trecho que inicia a presente sessão foi escrito em carta de 1926 para sua esposa, demonstrando que o distanciamento da educação dos filhos lhe causava profunda dor e necessidade de reflexão. As reflexões de Antonio Gramsci sobre a educação das crianças da família e, conseqüentemente, da classe trabalhadora, ocorrem, em sua maioria, no distanciamento das relações familiares, mas profundamente inseridas no movimento social e político em curso na época.

É importante destacar que Antonio Gramsci desenvolveu suas reflexões em diálogo com pensadores de sua época, mas especialmente pautado nos escritos de Marx e Engels possíveis de acesso no período. Para tanto, denominou o método pautado no materialismo histórico e dialético de “filosofia da práxis”, a qual “baseia-se inteiramente na ação concreta do homem que, por suas necessidades históricas, opera e transforma a realidade” (Gramsci, 2007, p 218) , ou seja, a “filosofia da práxis” está em alinhamento ao marxismo ao não se caracterizar apenas como teoria, mas também como atividade “revolucionária”, “prático-crítica”, tal qual expresso por Marx (2007, p. 611) quando elaborou as teses sobre Feuerbach. Pautada em tais assertivas, compreende-se que a educação é determinada pelas condições históricas, sociais, econômicas e políticas.

A produção intelectual de Gramsci divide-se entre antes e depois da prisão. Na prisão, escreveu sobre temas, os quais ficaram conhecidos como “Cadernos do Cárcere”. Também durante seu afastamento da família, amigos e companheiros de partido, escreveu inúmeras cartas, as quais abordam reflexões sobre diferentes temas e fatos vividos.

Foram utilizadas algumas das cartas para o presente texto, especialmente aquelas escritas aos familiares, onde o pensador exprime sua concepção de sociedade e de formação humana, as quais têm a liberdade como princípio. Muitas cartas enviadas à esposa são acompanhadas de cartas aos filhos, que, embora pequenos, poderiam ter a apreensão sobre a vida e preocupação do pai.

Em relação à sua preocupação com a educação da sobrinha, Gramsci escrevia à sua mãe, Giuseppina, e a sua irmã Grazietta que ficaram responsáveis pela educação da menina. Também escrevia a Teresina para saber sobre o desenvolvimento dos seus filhos Franco, Marco, Diddi e Mimma. A mediação em relação a família, amigos e correligionários era, na maioria das vezes, realizada por sua cunhada Tatiana, a qual recebia e enviava correspondências.

A educação e a escola estavam entre os temas centrais nas preocupações do italiano. Segundo Nosella e Azevedo haviam duas razões para essas preocupações:

Primeiramente, porque Gramsci acreditava que o mundo pode ser transformado e a educação e a cultura podem ser causa e efeito dessa mudança, enquanto espaços de formação, informação, reflexão e construção do consenso na sociedade. Em segundo lugar, porque a escolarização é um meio de formação “massiva” de quadros dirigentes e de cidadãos em geral (Nosella; Azevedo, 2009, p. 1).

Quando se trata da educação das novas gerações, especialmente da classe trabalhadora, Gramsci atribui responsabilidade para as instituições familiares e para a escola, visto serem essas instituições essenciais para a formação de futuros dirigentes. Para tanto, discute sobre o significado da família no interior da sociedade, direcionando duras críticas a educação católica oferecida às crianças, pois esse tipo de formação apenas as habituava ao cumprimento dos deveres religiosos, os quais não tinham qualquer conexão com a materialidade da vida. Para ele, tais obrigações se configuravam, muitas vezes, como caprichos familiares, caracterizando-se como “testemunhos vivos da vaidade de suas mães” (Gramsci, 2004a, p. 98). Em escrito publicado em 1917, em razão da semana santa, alertava que,

deixar que a consciência das crianças seja manipulada pelos padres, seja seduzida pela vaidade, pelo clericalismo, pelo lacrimoso espírito cristão, é permitir que os meninos sejam submetidos a uma violência. Por uma falsa concepção de tranquilidade doméstica, muitos deixam que isso aconteça (Gramsci, 2004a, p. 99).

Segundo Gramsci, a família seria a primeira instituição responsável pela inserção das crianças à sociedade, e, o Estado atuaria como instituição secundária na formação desses indivíduos. Ao abordar a questão escolar, Gramsci não o faz de forma abstrata, mas na relação com o Estado e na “mediação exercida por uma pluralidade de agências educativas, da qual a escola é apenas uma parte” (Frosini, 2017, p. 484). A escola, portanto, cumpre função ao socializar o saber sistematizado e transmitir conhecimentos, em suas formas mais ricas e mais desenvolvidas, ou seja, socializar e transmitir conhecimentos relativos às ciências da natureza, da sociedade e da vida humana, além das múltiplas expressões da arte e a filosofia.

Sendo a família e a escola instituições responsáveis pela formação das crianças, Gramsci destaca que estas não devem aprisionar suas personalidades, de forma a dificultar as possibilidades de se constituírem livremente diante do mundo. A partir dessas ideias, o militante sardo discute a estrutura familiar enquanto eixo de socialização dos primeiros passos das novas gerações na sociedade ensinando, os quais devem ser norteados por princípios de liberdade de pensamento.

No intuito de responsabilizar coletivamente pai e mãe pela educação dos filhos, Gramsci assevera que a educação das novas gerações não deve ser de responsabilidade somente da mulher. Para ele, pais e mães devem estar envolvidos nesse processo. Nesse sentido, alerta que

é necessário que o homem participe também da vida familiar no que se refere a educação dos filhos sem deixar à mulher o monopólio da formação intelectual e do caráter das crianças. E que dela participe com suas ideias e seus princípios, que, se forem caracterizados pelo espírito de liberdade, só podem ser benéficos à educação de novas gerações (Gramsci, 2004a, p. 99)

Mais profundamente diz: “covardia do homem que renuncia à sua tarefa de educador, que renuncia à verdade de suas ideias, que renuncia à sua consciência para evitar qualquer pequeno atrito, evitar uma discussão” (Gramsci, 2004a, p. 99). Com tais críticas, Gramsci indica que a família tem papel fundamental com a educação das crianças, na medida em que todos os seus membros se comprometem com a formação moral e intelectual com vistas a promover as condições necessárias para conviver em sociedade.

Enquanto formadora da moral, a família deveria socializar valores e conhecimentos que tivessem como finalidade forjar na criança princípios, hábitos necessários e críticos para a convivência em uma sociedade pautada na liberdade, na justiça e na igualdade.

Na perspectiva gramsciana, para viver em sociedade é preciso ter liberdade de pensamento e autonomia de reflexão. Quando a criança é educada sob tais princípios, em idade mais amadurecida poderia escolher o melhor caminho a seguir. Reside aqui a importância de a família oferecer elementos para essas escolhas que, conforme Gramsci (2004, p. 99) “devem ser elementos de reflexão, não vazias de aparências de cerimônias exteriores”.

Tais preocupações orientam, também, algumas Cartas aos familiares, especialmente quando reafirma princípios educativos necessários aos filhos e sobrinhos. Ao escrever para o seu filho Delio, que à época tinha 5 anos, Gramsci demonstra que é necessário refletir sobre sua existência, perceber

seus limites, mas que também é necessário identificar as condições de como superá-los. Como o menino ainda não sabia escrever, Gramsci orienta para que ele dite à mãe o que gostaria de dizer, como por exemplo, “se gosta dos outros meninos da escola, o que é que aprende e como gosta de brincar [...] e depois me escreva alguma coisa sobre Giuliano. O que você acha dele? Ele o ajuda em seus deveres” (Gramsci, 2005a, p. 342). Aqui se evidencia sua preocupação com a formação intelectual do filho, da forma como organizar e sistematizar suas ideias por meio da escrita.

A dimensão humana e afetiva da educação das crianças mostra-se presente em relação à sobrinha Edmea, filha de seu irmão Gennaro. Gramsci se preocupava devido a ausência do pai que estava em exílio e da morte da mãe, fatos que levaram avó e tia a se responsabilizarem pela educação da menina. Em razão da situação familiar, alerta que a educação da menina deveria ser conduzida com paciência e bondade, sem perder de vista a importância da disciplina necessária aos filhos dos trabalhadores e a clareza sobre as reais condições sociais vividas. Diz Gramsci em carta escrita à mãe em 1927:

Como Edmea também deve seguir seu próprio caminho, é preciso pensar em fortalecê-la moralmente, impedir que ela vá crescendo cercada só pelos elementos da vida fossilizada do vilarejo. Penso que vocês devem lhe explicar, com muito tato, naturalmente, por que Nannaro não se ocupa muito dela e parece deixa-la de lado. Devem explicar que seu pai hoje não pode voltar do exterior e isto se deve ao fato de que Nannaro, tal como eu e muitos outros, pensamos que as muitas Edmeas que vivem neste mundo deveriam ter uma infância melhor do que a que tivemos e ela mesma tem (Gramsci, 2005a, p. 121).

As condições familiares e os cuidados necessários à sobrinha muito preocupavam Gramsci, visto que a realidade vivida poderia impactar na formação moral de seu caráter, podendo contribuir para “uma certa moleza e um certo sentimentalismo que não são muito recomendáveis nesse tempo de ferro e fogo no qual vivemos” (Gramsci, 2005a, p. 121). Reside nessa preocupação a relação entre a realidade vivida pela menina e as reais necessidades para a sobrevivência na sociedade capitalista em constante mudança, pois, enquanto criança da classe trabalhadora, precisaria conhecer a realidade por meio do desenvolvimento intelectual e disciplina. Em carta de 1930, Gramsci demonstra profunda preocupação em relação a forma como os estudos da menina, já pré-púbere, estavam

sendo conduzidos, expressando que “gostaria de saber o que Mea leu até agora: pelo que ela escreve, não me parece ler nada além dos livros da escola” (Gramsci, 2005a, p.435):

Considerando a necessidade de transformação das condições de existência, Gramsci não descarta a função educadora da família, visto que é no contexto familiar que a criança recebe “os estímulos para formar seus hábitos, seus modos de pensar, seus juízos morais” (Gramsci, 2005a, p. 439). Nesse sentido, enquanto núcleo socializador, a família deveria intervir “usando a autoridade que vem do afeto e da convivência familiar, fazendo pressão sobre ela de modo afetuoso e amoroso, mas inflexivelmente rígido e firme” (Gramsci, 2005a, p. 439), de modo a não permitir um desenvolvimento egoísta e individualista, visto que há necessidade de viver coletivamente. Para tanto, se faz necessário disciplina e esforço, pois, “disciplinar-se é tornar-se independente e livre.” (Gramsci, 2004e, p. 87). É importante ressaltar que essa forma de ensinar não pode ancorar-se no autoritarismo, visto que “essa disciplina visa adquirir a autodisciplina, a autonomia e a liberdade” (Nosella, 1992, p. 81).

Nesse contexto se mostra importante a preocupação de Gramsci com a responsabilidade familiar na condução afetuosa da criança e do adolescente no processo educativo:

Um erro que se comete habitualmente na criação de meninos e meninas me parece o seguinte (pense em você mesmo e depois julgue se estou certo): não se percebe que, na vida deles, existem duas fases muito distintas, antes e depois da puberdade. Antes da puberdade, a personalidade da criança ainda não se formou e é mais fácil guiar sua vida e fazê-la adquirir determinados hábitos de ordem, de disciplina, de trabalho: depois da puberdade, a personalidade se forma de modo impetuoso e toda intervenção alheia se torna odiosa, tirânica, insuportável. Na verdade, o que acontece é que os pais sentem a responsabilidade em relação aos filhos exatamente nesse segundo período, quando é tarde: então, naturalmente, entra em cena o porrete e a violência, que, no fim das contas, dão bem poucos frutos (Gramsci, 2005a, p. 439).

A análise dos escritos gramscianos em relação à responsabilidade familiar na educação das crianças denota a necessidade de que a disciplina seja entendida como processo de organização para outra forma de vida e, por isso, é preciso educar para “uma liberdade historicamente definida” (Nosella, 1992, p. 80). Segundo Nosella (1992, p. 79), Gramsci estabelece

uma estratégia educativo-disciplinar visto que sua indicação é que “na fase pré-adolescência a tática consiste em acentuar a disciplina externa; enquanto na fase da adolescência a tática deverá ser outra, acentuar a disciplina interna ou a auto-disciplina”.

Os escritos gramscianos analisados demonstram a profunda preocupação do pensador com a educação das crianças da família, chamando a atenção dos responsáveis para a formação de pessoas capazes de entender o mundo e ter condições futuras para colaborar no processo de transformação coletiva. Essa preocupação já estava presente em texto escrito em 1918, quando expôs o entendimento de família para os socialistas: “a família deve ser reintegrada em sua função moral, de preparação humana, de preparação cívica.” (Gramsci, 2004b, p. 142). Na sociedade capitalista essa função fica prejudicada, visto que os pais precisam “garantir o desenvolvimento fisiológico da prole” assegurando-lhes “os meios de subsistência”, deixando de lado a educação e enriquecimento educativo dos filhos (Gramsci, 2004b, p. 142). Por isso, reafirma posteriormente que “é necessário educar os educadores!” (Gramsci, 2005a p. 440).

Portanto, a responsabilidade familiar com a educação das crianças não se encontra desvinculada da luta por outra sociedade, pois a libertação das amarras que prendem os pais e responsáveis na subsistência é uma necessidade, de forma a “fazer com que a família seja aquilo que deve ser: um organismo de vida moral” (Gramsci, 2004b, p. 143), pois a todos deve ser oferecido, “de igual modo”, os “meios necessários para educar a própria inteligência” de forma a atingir “os maiores frutos possíveis do saber, da pesquisa científica, da fantasia que cria a beleza na poesia, na escultura, em todas as artes” (Gramsci, 2004b, p. 143).

Aspectos que Contribuem para a Formação das Crianças

Os proletários têm o dever de não ser ignorantes (Gramsci, 2004b, p. 117)

A formação da classe trabalhadora é uma necessidade histórica. No entanto, não qualquer formação, mas sim aquela que possibilite “que todos os cidadãos saibam controlar o que seus mandatários decidem e fazem em cada caso concreto” (Gramsci, 2004b, p. 117), ou seja, é uma formação que ofereça as condições para que se tornem dirigentes. Para isso, a educação precisa se fundamentar em “uma nova e integral concepção de mundo” (Gramsci, 2006, p. 53).

Gramsci compreende que as novas gerações são capazes de assumir um papel ativo no processo revolucionário e, para isso, é preciso destruir a trama que envolve a escola tradicional e criar uma escola capaz de conduzir o jovem “até os umbrais da escolha profissional, formando-o, durante este meio tempo, como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige” (Gramsci, 2006, p. 49). Para que isso ocorra, é preciso dominar o que o dominador domina, isto é, a arte, a cultura, a filosofia e a ciência. Alerta Gramsci (2004d, p. 117) que “os burgueses podem até ser ignorantes. Mas não os proletários. [...]. O problema da educação dos proletários é um problema de liberdade”.

Esse pensamento está em consonância com o escrito de Tonet quando aborda que,

A educação é condição imprescindível para que os seres humanos singulares se tornem, de fato, membros do gênero humano. Por isso eles precisam se apropriar do patrimônio – material e intelectual/cultural – acumulado em cada momento pela humanidade, contribuindo, ao mesmo tempo, para a construção desse mesmo patrimônio (Tonet, 2014, p. 13).

Para tanto, é imprescindível uma formação integral com apropriação da cultura geral, tornando-se elementos necessários à “base do aprendizado que possibilita ao homem o desenvolvimento das habilidades e capacidades físicas e intelectuais necessárias à formação do novo intelectual” (Gomes, 2018, p. 13). Essas habilidades e capacidades possibilitam ao indivíduo sua inserção social, qualificação para o trabalho e o instrumentaliza para a construção de uma nova forma de sociabilidade.

Em que pese à importância da educação escolar para esse processo, não menos importante é a aquisição de determinados hábitos desde a mais tenra idade. Por isso, a disciplina aliada aos hábitos de estudo e ao respeito à natureza torna-se imprescindível para garantir o futuro da humanidade. Para tanto, “é preciso perder o hábito de deixar de conceber a cultura como saber enciclopédico”, pois “essa forma de cultura é realmente prejudicial, sobretudo para o proletariado” (Gramsci, 2004c, p. 57) e aliá-la a um processo de “organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação tomada de posse da própria personalidade, é conquista de consciência superior pela qual consegue compreender o próprio valor histórico, a própria função da vida, os próprios direitos e os próprios deveres.” (Gramsci, 2004c, p. 58).

Denota-se que a disciplina está ligada à luta política, visto que é concebida como um processo de autodomínio e autoconhecimento

necessários na formação da consciência crítica com vistas à liberdade. Liberdade e disciplina se tornam o par dialético para o processo formativo.

O conceito de liberdade deve ser acompanhado pelo de responsabilidade que gera a disciplina, e não imediatamente a disciplina, que neste caso se compreende como imposta de fora, como limitação forçada da liberdade. Responsabilidade contra arbítrio individual: só é liberdade aquela “responsável”, ou seja, “universal”, na medida em que se propõe como aspecto individual de uma “liberdade” coletiva ou de grupo, como expressão individual de uma lei (Gramsci, 2004a, p. 234).

Embora não se referisse de forma direta sobre disciplina nas cartas enviadas aos filhos é possível inferir “a práxis educativa desenvolvida por meio delas e se encontra presente nas ideias e noções que eram transmitidas.” (Gomes, 2018, p. 10). Esse princípio educativo evidencia-se na carta que escreve ao filho Giuliano ao indaga-lo sobre o tempo dedicado à escrita das cartas ao pai.

Acredito que uma das coisas mais difíceis, em sua idade, é ficar sentado diante de uma escrivaninha para botar em ordem os próprios pensamentos (ou até para pensar) e escrevê-los com uma certa elegância; talvez seja uma aprendizagem mais difícil do que a de um operário que queira adquirir uma qualificação profissional e deva começar exatamente em sua idade (Gramsci, 2005b, p. 398-399).

A questão da disciplina também se faz presente em relação à educação da sobrinha, visto que ao observar foto da menina percebeu seu crescimento, fato que não foi acompanhado por sua organização na escrita. Gramsci alerta que a escrita da sobrinha não demonstrava o desenvolvimento intelectual condizente com sua idade, visto que, para ele, a escrita contribuía para a organização do pensamento e para a autodeterminação. Além disso, observa que é preciso acompanhar as preocupações com a aparência em detrimento do domínio de si, questões tão presentes na fase pré-puberdade das meninas. Segundo ele, esse fato pode ser resultado de uma vida sem disciplina, cheia de mimos, bem contrário à sua própria vida e de seus irmãos, os quais não foram obrigados a se disciplinar, mas se autodisciplinaram e recorda-se que “com a idade de Mea, morreria de vergonha se cometesse tantos erros de ortografia; você lembra o quanto eu lia até tarde da noite e a quantos subterfúgios recorreria para conseguir livros.” (Gramsci, 2005a. p. 435).

Para a superação das dificuldades da sobrinha, Gramsci indica que seria preciso “acostumá-la a trabalhar com disciplina e restringir um pouco da vida ‘mundana’: menos sucessos e vaidade e mais seriedade em termos de substância” (Gramsci, 2005a, p. 435). Denota-se aqui a preocupação com o compromisso formativo para além da vaidade, o que necessita o profundo conhecimento da realidade, para, que a intervenção seja possível. Nesse sentido, Gramsci já havia alertado que “Conhecer a si mesmo significa ser si mesmo, se o senhor de si mesmo, diferenciar-se, elevar-se acima do caos, ser um elemento de ordem, mas da própria ordem e da própria disciplina diante de um ideal” (Gramsci, 2004c, p. 60) e o ideal deveria ser a nova ordem instaurada em outra sociabilidade.

No mesmo sentido de responsabilidade, em carta escrita ao filho mais novo, Gramsci lembra a importância de “ter um certo senso de responsabilidade” (Gramsci, 2005b, p. 423) com o que se compromete a fazer, mesmo que isso lhe custe renúncias. E essa responsabilidade se efetiva por meio de um processo de educativo que “deve conceder a ele o domínio de sua própria natureza por meio da disciplina e do desenvolvimento intelectual, propiciando as condições para que se adapte e atue sobre a organização política e econômica da sociedade” (Gomes, 2018, p. 3) com vistas a transformá-la.

Para o desenvolvimento de disciplina e responsabilidade pelos atos presentes e futuros, especialmente pelo hábito de estudo, Gramsci chama a atenção dos responsáveis para que acompanhem o processo formativo das crianças, de modo a criar as condições necessárias para o desenvolvimento de hábitos de organização, disciplina e trabalho, tão necessários para a vida em sociedade.

Não se percebem que, na vida deles, existem duas fases muito distintas, antes e depois da puberdade. Antes da puberdade, a personalidade da criança ainda não se formou e é mais fácil de guiar sua vida e fazê-la adquirir determinados hábitos de ordem, de disciplina, de trabalho: depois da puberdade, a personalidade se forma de modo impetuoso e toda intervenção alheia se torna odiosa, tirânica, insuportável. Na verdade, o que acontece é que os pais sentem a responsabilidade em relação aos filhos exatamente nesse meio período, quando é tarde. [...]. Em vez disso, porque não se ocupar da criança no primeiro período? Parece pouco, mas o hábito de ficar sentado cinco ou oito horas por dia é uma coisa muito importante, que pode ser inculcado até os quatorze anos sem sofrimento, mas em seguida não se pode mais (Gramsci, 2005a, p. 439-440).

E quando se trata da educação das meninas, principalmente no período da adolescência, Gramsci se mostra bastante preocupado, pois os efeitos da puberdade nas meninas são mais intensos

porque a puberdade é uma crise muito mais grave e complexa do que nos homens: com a vida moderna e a relativa liberdade das moças, a questão se agrava mais ainda. Eu tenho a impressão de que as gerações mais velhas renunciaram a educar as gerações jovens e que estas cometem o mesmo erro [...] (Gramsci, 2005a, p. 440)

Em relação às questões sobre a natureza, Gramsci reporta sobre a função da escola, a qual possibilitaria a criança o acesso ao conhecimento humanístico, tanto o natural quanto o histórico. Por isso a necessidade de que a criança, desde a mais tenra idade, tivesse acesso a tudo o que foi produzido pelas gerações por meio de uma formação que unisse as ciências da natureza e a ciências humanas, pois “a educação é uma luta contra os instintos ligados às funções biológicas elementares, uma luta contra a natureza, a fim de dominá-la e de criar o homem ‘atual’ à sua época” (Gramsci, 2006, p. 62).

Por meio das cartas, também ensinava os filhos a relação de cuidado e respeito que deveriam ter com a natureza e os animais. Orientava os filhos a ter contato com a natureza e a distinguir a diferença entre animais comestíveis dos não comestíveis. Diz Gramsci,

De qualquer modo, fiquei feliz com o fato de que Delio e Giuliano têm oportunidade de se sujarem, caçando rãs. Gostaria de saber se se trata de rãs comestíveis, o que daria à sua atividade um caráter prático e utilitário que não deve ser desprezado [...] deveria ensinar os meninos a distinguir as rãs comestíveis das outras: as rãs comestíveis têm o ventre completamente branco, enquanto as outras possuem o ventre avermelhado (Gramsci, 2005b, p. 80).

O incentivo relacionado ao contato com a natureza se faz presente em inúmeras cartas endereçadas aos filhos. Em carta escrita em 1932, Gramsci compartilha de sua experiência na infância: “Quando menino, criei muitos passarinhos e também outros animais ainda: falcões, corujas, cucos, pegas, gralhas, pintassilgos, canarinhos, cotovias, etc.” (Gramsci, 2005b, p. 162).

O respeito e o cuidado com a natureza representam a possibilidade de continuação da vida humana e, hoje, mostram-se imprescindíveis para a garantia da vida no planeta. O homem é parte da natureza e dela precisa retirar suas próprias condições de sobrevivência, à medida que o homem

transforma a natureza, transforma a si mesmo, numa relação dialética. A esse respeito, Gramsci contribui na reflexão necessária sobre a conexão humana com a realidade natural, fazendo referência a um conto popular muito presente em sua cidade. Para tanto, solicita à esposa que leia o trecho aos seus filhos:

Um menino dorme. Há uma tigela de leite pronta para quando acordar. Um rato bebe o leite. O menino, sem ter o leite, grita, assim como grita a mãe. O rato, desesperado, bate a cabeça contra a parede, mas percebe que não adianta nada e corre até a cabra para conseguir algum leite. A cabra lhe dará o leite, se tiver capim para comer. O rato vai até o campo em busca de capim e o campo, seco, quer água. O rato vai até a fonte. A fonte foi arruinada pela guerra e a água vaza: a fonte quer que o mestre pedreiro a conserte. O rato vai ao mestre pedreiro: este quer pedras. O rato vai à montanha, que foi desmatada pelos especuladores e mostra por toda parte suas entranhas sem terra. O rato conta toda a história e promete que o menino, uma vez crescido, há de plantar pinheiros, carvalhos, castanheiras, etc. (Gramsci, 2005b. 51).

Em que pese a importância do contato das crianças com a natureza, este não pode ocorrer de forma espontânea, pois o espontaneísmo precisa ser evitado no processo de aprendizagem. Criticava ele a escola moderna que tratava a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo como algo natural e espontâneo, de maneira que o instinto humano fosse dominado pela natureza de tal forma que “[...] quase se chega a imaginar que o cérebro do menino é um novelo que o professor ajuda a desenovelar” (Gramsci, 2001, p. 62).

Ao se posicionar contrário ao espontaneísmo nos processos educativos para a infância, Gramsci nos aponta que “a educação é uma luta contra os instintos ligados às funções biológicas elementares, uma luta contra a natureza, a fim de dominá-la e de criar o homem ‘atual’ à sua época” (Gramsci, 2001, p. 62). E para alcançar o domínio das funções elementares é preciso disciplina e o esforço.

A Formação da Criança para outro Modo de Vida

Na realidade, toda geração educa a nova geração, isto é, forma-a (Gramsci, 2006, p. 62)

Ao refletir sobre a educação das novas gerações para outra forma de sociabilidade a partir dos ensinamentos gramscianos é possível

compreender a necessidade de uma educação distinta daquela oferecida sob os pressupostos burgueses. Para tanto, a educação precisa estar comprometida com as transformações da realidade.

Gramsci asseverava que a educação deveria libertar-se dos interesses que orientam a educação burguesa, ou seja, seria necessária uma educação desinteressada. A educação desinteressada seria aquela que não “deve ter finalidades práticas imediatas ou muito imediatas, deve ser formativa ainda que ‘instrutivo’, isto é, rico de noções concretas” (Gramsci, 2004f p. 49).

A educação desinteressada, portanto, direciona para

um caminho que permita o desenvolvimento de uma cultura sólida e realista, depurada de todo e qualquer elemento de ideologias rançosas e estúpidas e permitir a formação de uma geração que saiba construir sua vida e a vida coletiva de modo sóbrio, com economia máxima de esforços e o máximo rendimento (Gramsci, 2005b, p. 412).

Para que uma educação desinteressada seja possível, é salutar que seja integral, pública, democrática, socializadora, com disciplina e conteúdo (Semeraro, 2021). Esses são pressupostos importantes que podem contribuir na formação do homem novo. Sob tal perspectiva, os métodos didáticos deveriam promover a autonomia, de modo que a criança e o futuro adulto sejam capazes de agir de forma responsável na sociedade. Para tanto, a escola deveria conduzir “o jovem até os umbrais da escolha profissional, formando-o, durante este meio tempo, como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige” (Gramsci, 2006, p. 49). Para isso, a criança precisa ter acesso a conhecimentos que possibilitem o desenvolvimento da crítica sobre a lógica que rege a vida na sociedade capitalista, ou seja, precisa ter acesso ao que já foi produzido historicamente de forma a vislumbrar seu compromisso histórico com o avanço da sociedade para outra forma de vida.

A defesa de uma educação desinteressada desde a infância combate a especialização precoce e artificial na formação educacional, visto que esta estimula “experiências parciais sem lhe oferecer oportunidades para desenvolver outras perspectivas no sentido de criar condições para o amadurecimento de suas inclinações.” (Melo; Heijmans, 2013, p. 46).

Sobre essa questão, Gramsci esclarece que,

Pode nascer dúvida de que isto acelere artificialmente a orientação profissional e distorça as inclinações das

crianças, fazendo perder de vista o objetivo da escola única que é a de conduzir as crianças a um desenvolvimento harmônico de todas as atividades, até que a personalidade formada acentue as inclinações mais profundas e permanentes porque nascidas num nível mais alto do desenvolvimento harmônico de todas as forças vitais, etc, etc. (Gramsci, 2005b, p. 134).

Nessa direção, a educação desinteressada desenvolve-se de forma harmônica entre o saber, a arte, a filosofia, a ciência, em consonância com o equilíbrio das aptidões humanas, ou seja, relacionam-se dialeticamente com a “herança dos pais para os seus filhos, com àquelas que são construídas ao longo da vida objetiva” (Melo; Heijmans, 2013, p. 47). Nessa perspectiva, a educação que ocorre nos espaços familiares e de convivência comunitária está em constante relação com a educação escolar, de forma a complementar-se o tempo todo. A educação escolar estaria, portanto, vinculada ao processo de vida e comprometida com a transformação da realidade e não com a manutenção do status quo. Essa proposta educacional só é possível numa outra forma de sociabilidade.

A defesa da escola desinteressada está pautada em uma educação necessária aos trabalhadores e, portanto,

precisaria ser sólida de modo a alicerçar a formação geral sem priorizar a profissional. Para tanto, em relação à formação geral, a todos deveriam ser dadas as condições para o acesso aos conhecimentos relativos à filosofia, às ciências, às artes, à gramática, à literatura, etc., de modo a oferecer cultura geral e criar bases para o avanço de novos conhecimentos (Flach, 2018, p. 9).

Em contraposição à formação burguesa, a perspectiva gramsciana propõe que a preparação da classe trabalhadora passe pela formação omnilateral com o objetivo de “preparar os quadros dirigentes que haveriam de governar o futuro Estado proletário. Nessa direção, o problema principal, pensava, era formar pessoas de visão ampla, complexa, porque governar é uma função difícil” (Nosella, 2010, p. 42).

Não há dúvidas de que a educação proposta por Gramsci é antagônica à educação hegemônica (tanto aquela da época vivida por ele, quanto a educação atual) e, por isso, defende que às novas gerações é necessário o desenvolvimento de todas as dimensões humanas, bem como a formação da consciência sobre o lugar que ocupa no mundo e, portanto, é imprescindível elevar culturalmente a formação da criança. Nesse sentido,

a partir dos princípios educativos gramscianos, faz-se necessário oferecer às crianças uma educação ampla, livre dos pressupostos capitalistas, que possibilite o desenvolvimento de todas as suas potencialidades e, por conseguinte, colabore para que possam interferir na realidade e propor outra forma de vida, pautada na justiça, na liberdade e na igualdade, ou seja, uma sociedade mais humana.

Preparar as crianças para serem os novos intelectuais de uma nova sociedade é compromisso daqueles que têm a consciência sobre a necessidade de superar as desigualdades impostas pela lógica capitalista e, para tanto, é preciso defender uma educação que forme filósofos, artistas, homens de gosto, que tenham conduta moral e intelectual capaz de defender outra concepção de mundo.

Considerações Finais

Na tentativa de finalizar esse texto, atribuímos à família a responsabilidade, além dos cuidados de ordem biológica, a inserção das crianças no convívio social ensinando a disciplina, o hábito de estudos e os cuidados com a natureza e o compromisso com a formação moral. Tais princípios são imprescindíveis para o desenvolvimento infantil e para a formação de pessoas capazes de agirem com liberdade de pensamento. Nesse sentido, a responsabilidade familiar está vinculada à construção de uma sociedade livre e igual, ou seja, a família é partícipe na formulação de uma sociedade livre das amarras e interesses capitalistas que submetem os trabalhadores a uma lógica de subserviência e exploração.

Para a efetivação de uma escola com compromisso social por outra forma de vida precisa ter currículos que respeitem a formação moral e intelectual dos alunos, com objetivos claros a serem alcançados, que possibilitem a formação humanística e geral, e, por fim, que esteja inserida em atividades sociais de forma a desenvolver nos estudantes “certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e iniciativa” (Gramsci, 2006, p. 37). Assim, a educação possibilitará o desenvolvimento de pessoas autônomas, livres, e, portanto, capazes de decidir a melhor forma de vida em sociedade.

O desenvolvimento infantil é histórico e cultural, sendo permeado por aspectos físicos, psicológicos, históricos e sociais. Portanto, a partir das reflexões apresentadas, é necessário considerar a criança em sua totalidade, ou seja, no conjunto das relações sociais, na “relação criança-sociedade e as condições históricas concretas como determinantes do processo de desenvolvimento infantil” (Pasqualini, 2009, p. 31).

Sendo assim, advogamos que à todas as crianças devem ser asseguradas propostas educacionais para além das satisfações mínimas de aprendizagens e ocupações futuras na lógica do mercado de trabalho. Para tanto, é preciso perseverar uma educação que tenha por objetivo primordial a formação cultural e científica adequada, de qualidade e universalizada com vistas a uma formação cidadã crítica. Reivindica-se para todas as crianças “uma educação plena para toda a vida [...]” (Mészáros, 2008, p. 55).

Somente uma educação desinteressada é capaz de advogar uma educação para toda a vida, visto que visa uma educação humana integral, que esteja voltada para a transformação da sociedade, que busca “criar as condições reais de passagem molecular dos dirigidos para a condição de dirigentes” (Flach; Schlesener, 2018, p. 16).

Por fim, a educação, desde a infância, deve perseguir a formação de pessoas dirigentes, capazes pensarem por si mesmas, que tenham liberdade de pensamento e sejam qualificadas para o trabalho. Nesse sentido, a educação é pautada na formação política com vistas à vida coletiva e com compromisso pelo futuro da humanidade.

Referências

- FLACH, S. F.; SCHLESENER, A. H. Educação desinteressada e a análise de políticas educacionais. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 18, n. 3, p. 780-797, 2018. doi: 10.20396/rho.v18i3.8652086. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8652086>. Acesso em: 04 mai. 2024.
- FLACH, S. de F. O pensamento de Antonio Gramsci e as pesquisas sobre políticas educacionais. Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa, [S. l.], v. 5, p. 1-18, 2020. doi: 10.5212/retepe.v.5.15219.009. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/retepe/article/view/15219>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- FROSINI, F.; ESCOLA. IN; LIGUORI, G; VOZA, P. (orgs.). Dicionário Gramsciano. São Paulo: Boitempo, 2017.
- GOMES, J. M. Gramsci educador: uma leitura das cartas a Delio e Giuliano (1929-1937). Itinerarius Reflectionis, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 01–22, 2018. doi: 10.5216/rir.v14i1.49303. Disponível em: <https://revistas.ufjf.edu.br/rir/article/view/49303>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- GRAMSCI, A. Cartas do Cárcere. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.
- GRAMSCI, A. Cartas do Cárcere. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b.
- GRAMSCI, A. Seriedade. In: GRAMSCI, A. Escritos Políticos. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a. p. 98-100.
- GRAMSCI, A. Família. In: GRAMSCI, A. Escritos Políticos. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b. p. 141-144.
- GRAMSCI, A. Socialismo e Cultura. In: GRAMSCI, A. Escritos Políticos. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004c. p. 56-61.
- GRAMSCI, A. O privilégio da ignorância. In: GRAMSCI, A. Escritos Políticos. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004d. p. 116-117.
- GRAMSCI, A. Disciplina e liberdade. In: GRAMSCI, A. Escritos Políticos. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004e. p. 87.

- GRAMSCI, A. Cadernos do Cárcere. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004f.
- GRAMSCI, A. Cadernos do Cárcere. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- GRAMSCI, A. Cadernos do Cárcere. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MARX, K. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã: crítica da novíssima filosofia alemã e seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 611-613.
- MELO, A. de; HEIJMANS, R. D. A educação de Edmea: concepções educativas de Gramsci nas cartas do cárcere. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 13, n. 54, p. 41-53, 2014. doi: 10.20396/rho.v13i54.8640167. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640167>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- MÉSZAROS, I. Educação para além do Capital. São Paulo: Boitempo, 2008.
- NOSELLA, P. A escola de Gramsci. Por Alegre: Artes Médicas, 1992.
- NOSELLA, P., & AZEVEDO, M. L. N. de. (2013). A educação em Gramsci. Teoria E Prática Da Educação, 15(2), 25-33. <https://doi.org/10.4025/tpe.v15i2.20180>. Acesso em: 19 jul. 2024.
- PASQUALINI, J. C. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. Psicologia em Estudo, v. 14, n. 1, p. 31-40, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/RWgYCJ8KJvkYfjzvDbcF3PF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2023
- SEMERARO, G. Intelectuais, educação e escola: um estudo do caderno 12 de Antonio Gramsci. São Paulo: Expressão Popular, 2021.
- TONET, I. Atividades educativas emancipadoras. Práxis Educativa, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 9-23, 2014. doi: 10.5212/PraxEduc.v.9i1.0001. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/5298>. Acesso em: 05 mai. 2024.

Submetido em janeiro de 2025

Aceito em março de 2025

Publicado em julho de 2025

